

Literatura e Psicanálise. A partir desse (des)encontro, foi elaborado este número da revista *Aletria*. Encontro ou desencontro, a questão provocou um colóquio do *Lipsi: Núcleo de Pesquisas sobre Literatura e Psicanálise*, em setembro de 2003. O colóquio foi organizado com o objetivo de apresentar o *LIPSI* para a comunidade da Faculdade de Letras da UFMG. Nossa intenção era apresentar a linha de pesquisa Literatura e Psicanálise, nosso trabalho e os de nossos orientandos. A intenção inicial foi se ampliando, ganhando um âmbito maior, na medida em que o *LIPSI* congrega pesquisadores ligados a outras instituições, como a Escola Letra Freudiana do Rio de Janeiro, a Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), o Aleph – Escola de Psicanálise, além de outras unidades da Universidade. Ficamos animados a convidar nossos parceiros de fora, mas moebianamente de dentro da Letras, para continuar aqui um trabalho que vem se realizando há algum tempo. O colóquio não esgotou a questão, mas produziu efeitos e depois dele vieram outros textos que publicamos neste número da *Aletria*.

Destacamos também a parceria do *Lipsi* com a *Casa Freud*, que é a nossa extensão clínica, num esforço que se iniciou há vários anos com as oficinas de letras criadas pela Profa. Lúcia Castello Branco e que têm grande importância no campo da Saúde Mental. Essas oficinas foram realizadas no Instituto Raul Soares, na Central Psíquica e atualmente, de forma constante, na Casa Freud.

O tema deste número de *Aletria* é *Literatura e Psicanálise: O E da questão*. Partimos da idéia de que o **E** não é sempre adição. Não se somam os saberes, eles se enlaçam, costuram-se, recortam-se. O **E** é também limite ou marca do indecível, impossibilidade de atravessar territórios heteróclitos. Litorais.

Ruth Silviano Brandão (Org.)

### **As brincadeiras sérias**

Por amor sou aro  
Se amo quem amo, persigo.  
Me abomino na lama.  
Enfrento qualquer perigo  
Se amo mesmo quem amo,  
Sou meu próprio inimigo.

Pois matei o que morreu  
em mim ao me dar sem dó  
à mó que moeu meu eu.  
Só pode amar quem moeu  
seu eu na amorosa mó,  
e deste pó renasceu.

Mauri Márcio Porfírio Ribeiro  
Oficina de Letras da Casa Freud